

INTERPRETAÇÃO DE TEXTO

NÃO BASTA LER. É PRECISO ENTENDER

E poucos sabem interpretar um texto. Começar desde cedo é o melhor caminho para aprender

lar progressista', como a UnB e algumas de São Paulo e outros estados", explica Guilherme Aguiar, professor de Literatura do curso pré-vestibular NDA.

Por causa disso, vários cursinhos e colégios têm designado cargas horárias maiores para as aulas de Português. Em Brasília, o NDA é o cursinho que tem maior carga horária de Língua Portuguesa. São nada menos do que oito aulas por semana, contra cinco exigidas nas escolas que seguem o currículo tradicional.

Além da Gramática e da Literatura, os alunos contam com uma Oficina de Leitura e Produção de Textos, que trabalha especificamente a interpretação, qualquer que seja o tipo de linguagem utilizada.

"Na primeira aula deste

semestre, levamos para os alunos uma questão da prova de Física do último vestibular da UnB, que muitos candidatos deixaram em branco simplesmente por não entender o que dizia o texto", conta Wilson Barbosa, também professor de Português do NDA.

"O problema é que os vestibulandos em geral não sabem ler. Eles vêem o texto como um mero aglomerado de palavras, não percebem as relações entre idéias", afirma Guilherme.

A falha, segundo ele, vem desde o primário. "Se o aluno aprende a analisar apenas frases soltas ou então tem um professor que lê e interpreta para ele os textos ao invés de direcionar a sua leitura, não desenvolve a capacidade analítica", diz. É isso que faz com que muitos alunos cheguem ao Ensino

Médio com a idéia de que interpretar texto é uma loteria, em que se deve adivinhar o que o autor estava pensando ou sentindo ao redigir.

Para o professor Francisco Alves Feitoza, que ministra um curso específico de interpretação no Instituto Galois, entender um texto não exige nenhum dom especial. "Existe uma técnica para isto. Primeiro, o aluno lê o texto para se situar em relação ao assunto. Depois, analisa as partes. Aí entram as figuras de linguagem, conceitos, a forma. O entendimento não vem do além. Todos os elementos necessários estão lá, no texto. Basta que o aluno aprenda a identificá-los, e então ele se torna capaz de analisar tanto uma obra literária quanto uma questão de matemática", explica.

VALÉRIA FEITOZA
Repórter do JORNAL DE BRASÍLIA

Estimular a leitura desde cedo é o primeiro passo para formar jovens capazes de interpretar textos com eficiência. E não apenas isto. É consenso entre os professores que a leitura aumenta a bagagem de conhecimentos gerais e a capacidade crítica. "A interpretação de textos tem sido cobrada ultimamente em todas as provas das universidades que aplicam o chamado 'vestibu-

Ensino fundamental BUSCA NOVOS CAMINHOS

Francisco Stuckert

Dante da mudança de avaliação promovida pelas universidades, algumas escolas do Ensino Fundamental, aos poucos, tentam trazer ao dia-a-dia dos seus alunos, já tão familiarizados com computadores e televisão, o mundo dos livros. Há pouco mais de uma semana, o colégio Inei realizou uma feira de livros que reuniu nove editoras. Nos estandes, uma grande variedade de livros infantis. Fora deles, oficinas, pintura de rosto e uma encenação feita pelos próprios alunos da escola. Tudo isso para despertar a atenção dos pequenos.

E conseguiu. Em meio ao movimento de pessoas, Nathália Braz Nóbrega, de apenas cinco anos de idade, escolheu um livro na estante de uma das editoras, sentou entre as almofadas colocadas no chão e ali passou vários minutos. Detalhe: ela ainda nem sabe ler. A mãe, Doralice, acha que é extremamente importante estimular na criança o gosto pela leitura, mesmo

antes da alfabetização. "Nathália tem muito interesse por livros e eu acho isso ótimo", diz.

O objetivo da feira foi aumentar o número de livros à disposição das crianças. "Nós combinamos com os pais que cada criança tinha de sair com pelo menos três livros para depois participar de uma ciranda literária que existe desde fevereiro na escola. No final das contas, cada criança terá lido cerca de 90 livros, já que as turmas têm em média 30 alunos", explica Rosiane Marra, coordenadora pedagógica do ensino de 1^a a 4^a série do Inei.

A experiência da ciranda literária, apesar de recente, tem dado certo. Segundo Rosiane, entre as crianças de 1^a a 4^a série, a média de leitura aumentou de dois para 12 livros por mês. "É um índice extremamente positivo. Se estas crianças continuarem assim, terão muito mais chance de sucesso nos estudos mais tarde", diz. (V.F.)



As escolas de ensino fundamental estão trazendo ao dia-a-dia dos seus alunos o mundo dos livros

Observação da natureza ajuda

Felipe Barra



Rafaella Rebelo, ao lado da professora Graça, detestava ler e escrever. Em seis meses, mudou

A professora Graça Camargo, 49 anos, dedica a vida a despertar em seus alunos o gosto pela leitura. Em 21 anos de trabalho em escolas públicas e particulares de Ensino Fundamental e Médio, ela desenvolveu um método de ensino que aprimora a capacidade de interpretação em qualquer pessoa, com resultados rápidos e eficazes. Em seu Centro de Estimulação das Potencialidades do Individuo (CEPI), Graça faz verdadeiros milagres na vida de seus alunos.

"Meu primeiro contato com a leitura foi aos cinco anos de idade. Na verdade, eu ainda nem sabia ler, nunca tinha ido à escola, mas já me interessava em entender tudo à minha volta. A leitura que eu fazia naquela época não era de livros, mas da natureza. A natureza tem um universo imenso de linguagens", conta. Em contato com as plantas e animais, ela desenvolveu, naturalmente, sua capacidade analítica. Quando entrou na escola, aos sete anos de idade, Graça logo foi alfabetizada. Apaixonou-se pela Língua Portuguesa. Decidiu ser professora de Português.

"Na sala de aula, eu queria despertar nos alunos a mesma paixão que eu tinha pelos livros, pela nossa língua natal", conta. Mas ela encontrou dificuldades. "Eu percebia que aquelas crianças não conseguiam entrar em contato consigo mesmas, para desenvolver seu potencial de leitura. A escola forçava as crianças a aprender de uma maneira limitada e cobrava um resultado depois. Mas, sem estimular o potencial de aprendizagem delas, ficava muito difícil", afirma.

Ela decidiu, então, ser diferen-

te. Aos poucos, foi mudando o jeito de dar aulas, incorporando nos ensinamentos todas as formas de aprendizagem natural de que ela pôde desfrutar quando criança.

"Comecei a deixar os livros didáticos um pouco de lado. Levei meus alunos para ter contato com a natureza, para olharem tudo e entender o que viam. Dei espaço para que cada um deles, a seu modo, manifestasse seus potenciais. O resultado veio quase instantaneamente", revela.

Graça conta que outros professores ficavam maravilhados ao ver que ela realmente conseguia fazer com que seus alunos se apaixonassem pelos livros, pela leitura e interpretação em geral, pela escrita. Começou a ser solicitada

para multiplicar seu método, ensinar a outros professores sua magia. Durante sete anos, com aprovação do Ministério da Educação, fez laboratórios em inúmeras escolas públicas, dando a outros professores condições de melhorar o ensino da Língua Portuguesa.

Não satisfeita, criou, mais tarde, o CEPI. Lá, Graça abriu espaço para alunos de todas as idades e níveis de escolaridade, da alfabetização ao Doutorado. Acabou descobrindo que seu método não resolve só o problema da dificuldade de leitura, mas melhora a vida em todos os aspectos. "O que eu faço é aguçar a percepção, ampliar o campo de visão de cada pessoa. Com isso, ela própria

começa a mudar sua vida, eliminando tudo o que impede a manifestação do seu potencial", explica.

As "aulas" que ela dá têm um perfil totalmente diferente. "Tudo me serve como instrumento para ensinar. De gravuras a jogos de dominó, passando por textos, músicas e brincadeiras. Para cada pessoa, o instrumento é diferente, dependendo das suas necessidades. Antes de aceitar alguém como aluno, faço uma longa entrevista para descobrir quais são as suas dificuldades e saber se a pessoa realmente está disposta a se abrir para uma nova forma de aprendizagem", diz.

Foi assim com Rafaella Rebelo, 11 anos. Aluna da 5^a série do

Ensino Fundamental, apresentava dificuldades de concentração e detestava ler e escrever. Em seis meses de aulas no CEPI, a mudança foi radical. "Um dia, sentei para estudar e decidi fazer uma redação. Minha mãe levou um susto. Eu reclamava sempre que tinha que fazer exercícios da escola, e de repente apareci, sem ninguém me pedir, com uma redação. Ela pensou até que eu tinha copiado o texto de algum lugar, de tão bom que estava", brinca.

Nos grupos de jovens vestibulandos, Graça usa técnicas às vezes consideradas esquisitas pelos próprios alunos. "Uma vez peguei um grupo de adolescentes que iam prestar vestibular e coloquei-os para jogar dominó. Mas as regras eram invertidas. Cada aluno tinha de colocar suas peças de modo que favorecesse todo o grupo. O jogo só acabava quando todos estivessem de mãos vazias. Eles levaram quatro horas para terminar", lembra.

Nenhum dos jovens sabia, mas com aquele jogo, além da capacidade de raciocínio, que seria cobrada nas provas, Graça estava favorecendo algo que não faz parte da realidade de muitos vestibulandos: o trabalho em equipe, sem competição. Kátia Camargo, irmã de Graça, que foi sua primeira aluna, confirma: "O método não serve só para aprender a ler, mas para que cada pessoa se conheça melhor, aumentando sua auto-estima, desenvolvendo seus talentos ocultos", elogia. (V.F.)

SERVIÇO:

Centro de Estimulação das Potencialidades do Individuo
fone: 443 3187